

AVALIAÇÃO DE TRADUÇÃO DE POESIA: UMA ANÁLISE OBJETIVA DE TRADUÇÕES DE “THE LAMB”, DE WILLIAM BLAKE¹

Clarissa Soares dos Santos

I. Introdução

A avaliação de traduções tem hoje como base conceitos que são uma fonte fértil de numerosos e acalorados debates. Discussões sobre a in/estabilidade do significado, da (in)visibilidade do tradutor, da (in)fidelidade do texto traduzido, da autoria e do papel do tradutor afetam diretamente a prática da avaliação, seja ela feita pelo revisor, pelo professor ou pelo crítico de tradução. As decisões do avaliador têm que levar em conta conceitos instáveis, pontos de vista opostos e propósitos muitas vezes conflitantes e às vezes inatingíveis. Para isso é necessário que quem se proponha a avaliar uma tradução se baseie numa metodologia coerente, voltada para o tipo de avaliação que está em questão, mas tendo sempre em mente as posturas correntes que influenciam a prática.

Dentre as diferentes modalidades de tradução, a tradução de poesia parece ser um dos campos de maior indeterminação e vagueza no que tange aos métodos de avaliação. Noções vagas como “captar o espírito do original”, “transmitir a genialidade do autor”, “incorporar o poeta original”, ou ainda o desejo, como o que Ivo Barroso cita em entrevista à revista *Range Rede*, de ser o “cavalo” do autor na língua-alvo, são critérios comumente citados em avaliações de traduções de poesia. Usar tais noções como base para uma avaliação torna esta uma simples expressão do gosto e humores pessoais do avaliador, sem qualquer embasamento mais objetivo nem dados concretos que calquem sua opinião.

No entanto, é possível se fazer uma avaliação mais objetiva e sistemática de traduções de poesia, pois tanto a tradução quanto a poesia são, em grande parte,

¹ Este trabalho é resultado de discussões levantadas no curso Tópicos em Estudos da Tradução: Tradução Poética ministrado no Programa de Pós-graduação do Departamento de Letras da PUC-Rio, no primeiro semestre de 2006, pelo professor Paulo Henriques Britto e teve a orientação do mesmo.

atividades objetivas e sistemáticas em seus processos. Apesar de defendermos uma objetividade na avaliação de traduções de poesia, não ignoramos, contudo, que o processo de tradução poética envolve e pressupõe uma boa dose de escolhas subjetivas. Como ressalta Paulo Britto (2002), a “tarefa do tradutor de poesia será, pois, a de recriar, utilizando os recursos da língua-meta, os efeitos de sentido e forma do original — ou, ao menos, uma boa parte deles”, sendo, assim, a tarefa do avaliador analisar o quanto de êxito o tradutor obteve nessa recriação. Para isso, a pessoa apta para avaliar uma tradução de poesia é aquela que, como disse Lefevere (1975), não apenas não necessita da tradução para entender o poema original, mas também tenha conhecimentos de poesia suficientes para julgá-lo e esteja ciente das questões envolvidas no processo de tradução de poesia.

Como essa é uma modalidade muito diferenciada de tradução, diferenciados também devem ser os critérios de avaliação aplicados a ela. O conceito de “correspondência”, segundo Britto, pode ser entendido “em diversos níveis de exatidão”, partindo-se de uma correspondência forte (uma quase identidade) até se chegar a uma correspondência mais fraca (com noções mais vagas): “quanto mais fraca a acepção de correspondência — ou seja, quanto mais alto o nível de generalidade em que ela se dá — maior a perda [na tradução]” (Britto 2000). Além disso, dois tipos diferentes de “correspondência” podem ser úteis numa avaliação de tradução de poesia: a “correspondência formal” e a “correspondência funcional”. A primeira consiste em manter na tradução características formais ou estruturais muito semelhantes às do poema original. A segunda é aquela em que, conforme define Britto, o tradutor utiliza “uma forma que, embora estruturalmente diversa, possua essas mesmas conotações, ou conotações próximas, na língua-meta” (Britto, inédito). Assim, uma eficaz metodologia de partida para o avaliador pode ser procurar elementos de correspondência formal, funcional e semântica na tradução a fim de analisar o êxito do tradutor em recriar o poema original.

II. A avaliação na prática: um olhar mais objetivo sobre três traduções de “The lamb” de William Blake

1. O original de William Blake

Façamos agora uma análise objetiva do poema “The lamb” de William Blake com o intuito de compará-lo com três traduções, tendo em vista questões formais e semânticas.

The Lamb

Little Lamb, who made thee	A	/ - / / / -	/l/, /ej/, /ij/	6 3
Dost thou know who made thee	A	/ - / / / -	/ej/, /ij/	6 3
Gave thee life, and bid thee feed,	b	/ - / - / - /	/ej/, /ij/, /l/	7 4
By the stream and o'er the mead;	b	/ - / - - - /	/ij/	7 4
Gave thee clothing of delight,	c	/ - / - - - /	/ej/, /ij/, /l/, /aj/	7 4
Softest clothing, wooly, bright;	c	/ - / - / - /	/l/, /aj/	7 4
Gave thee such a tender voice,	d	/ - / - / - /	/ej/, /ij/	7 4
Making all the vales rejoice;	d	/ - / - / - /	/ej/, /l/	7 4
Little Lamb, who made thee	A	/ - / / / -	/l/, /ej/, /ij/	6 3
Dost thou know who made thee	A	/ - / / / -	/ej/, /ij/	6 3
Little Lamb, I'll tell thee,	A	/ - / / / -	/l/, /aj/, /ij/	6 3
Little Lamb, I'll tell thee;	A	/ - / / / -	/l/, /aj/, /ij/	6 3
He is callèd by thy name,	E	/ - / - - - /	/ij/, /l/, /ej/	7 4
For He calls Himself a Lamb:	F	/ - / - / - /	/ij/, /l/	7 4
He is meek, and He is mild,	g	/ - / - / - /	/ij/, /aj/	7 4
He became a little child:	g	/ - / - / - /	/ij/, /ej/, /l/, /aj/	7 4
I a child, and thou a lamb,	F	/ - / - / - /	/aj/, /l/	7 4
We are callèd by his name.	E	/ - / - - - /	/l/, /ej/	7 4
Little Lamb, God bless thee,	A	/ - / / / -	/l/, /ij/	6 3
Little Lamb, God bless thee.	A	/ - / / / -	/l/, /ij/	6 3

Em seu poema, Blake alterna trímetros trocaicos — os dois primeiros e os dois últimos versos de cada estrofe — com tetrâmetros também trocaicos, criando uma métrica rígida, com versos variando entre seis e sete sílabas, e com raríssimas variações de acentuação e ritmo (alguns poucos espondeus e pirríquios). É um ritmo simples, comum nas canções infantis e nas cantigas populares, com efeito quase hipnotizante, que remete a memórias de infância de quase todo falante de inglês. Blake também cria um rígido esquema AAbbccddAA AAEFggFEAA de rimas perfeitas (onde as letras maiúsculas indicam rimas pobres, com repetição de palavras). Há também muitas assonâncias e aliterações em /ej/, /aj/, /l/, /ij/.

O poema singelo e de temática simples de Blake tem grande parte de seu sentido calcado na forma. É a rigidez formal, sem grandes falhas ou desvios, que dá ênfase à pureza e à perfeição intocadas do cordeiro, animal divino, representante do Filho de Deus. Tanto o tradutor quanto o avaliador devem ter isso em mente ao traduzir ou avaliar uma tradução do poema, pois este é um elemento importante de significação que não pode ser ignorado.

Além de constituírem características essenciais da imagem semântica do poema, a pureza e a perfeição de “The lamb” são acentuadas e ganham uma nova leitura com a publicação de “The tyger”, seu poema simétrico e seu contraponto. Assim como vários outros poemas de Blake, “The lamb”, publicado em *Songs of innocence*, ganha um poema-irmão, anos depois, com a publicação de *Songs of experience*; este poema é “The tyger”. É somente na oposição com o tigre que o cordeiro obtém seu significado completo (ou, talvez, começa a ter significado). É na comparação com a maior complexidade semântica e também nos poucos, mas claros, desvios formais de “The tyger” que a semântica simples e a forma perfeita de “The lamb” ganham um significado mais profundo. A pureza e a inocência iniciais do cordeiro ganham um tom de crítica e ironia quando, em “The tyger”, Blake pergunta se quem fez o cordeiro fez também o tigre, ou seja, quem inventou a pureza e a inocência do cordeiro inventou também a maldade e o terror que o tigre inspira. No entanto, explorar esse contraponto não é o foco de nosso trabalho. Passemos, então, às análises das traduções de “The lamb”.

2. A tradução de Sidnei Schneider

Faremos agora uma análise da tradução de “The lamb” feita por Sidnei Schneider, poeta e tradutor residente em Porto Alegre, para tentar ressaltar as estratégias formais e semânticas por ele utilizadas.

O cordeiro

Cordeirinho, quem te fez?	A	-- / - / - /	/k/, /d/, /s/	7
Sabes quem é que te fez?	A	/ - - / - - /	/s/, /k/	7
Deu-te vida, deu-te pasto,	b	-- / - \ - /	/d/, /s/, /t/	7
Um riacho no campo vasto;	b	- / - - / - /	/k/, /s/, /t/	7

Deu-te roupa que delicia,	c	/ - / - - \ - /	/d/, /k/, /s/	8
Lã clara, fina e macia;	c	\ / - / - - /	/k/, /s/	7
Deu-te também terna voz	d	/ - - / \ - /	/d/, /t/, /s/	7
Para alegrar os vales sós?	d	- - - / - / - /	/s/	8
Cordeirinho, quem te fez?	A	- - / - / - /	/k/, /d/, /s/	7
Sabes quem é que te fez?	A	- - - / - - /	/s/, /k/	7
Cordeirinho, eu o direi,	E	- - / - - / - /	/k/, /d/	8
Cordeirinho, eu o direi:	E	- - / - - / - /	/k/, /d/	7
Teu nome tomou inteiro,	f	- / - - / - /	/t/, /m/	7
Também se chama Cordeiro;	f	- / - / - - /	/t/, /s/, /m/, /k/, /d/	7
Humildade meiga e mansa,	g	- - / - / - /	/m/, /s/	7
Que se tornou uma criança.	g	- - - / - - - /	/k/, /s/, /t/, /m/	8
Eu, menino, tu, cordeiro,	h	\ - / - \ - /	/m/, /t/, /k/, /d/	7
Temos Dele o nome inteiro.	h	/ - / - / - /	/t/, /m/, /s/, /d/	7
Cordeirinho, que Deus rei	e	- - / - - \ /	/k/, /d/, /s/	7
Te abençoe, como o farei!	e	- - / - \ - - /	/s/, /k/, /m/	8

Em sua tradução, Schneider alterna versos de sete e oito sílabas, com maior ocorrência dos primeiros, ou seja, da redondilha maior. Não há um padrão fixo de acentuação, mas há predominância de um ritmo anapéstico, alternado com uma menor ocorrência do jambo. Schneider também segue um rigoroso esquema de rimas AAbbccddAA EEffgghhee, sem, no entanto, reproduzir o esquema simétrico criado por Blake na segunda estrofe do poema. São também abundantes as aliterações em /k/, /d/, /s/, /t/ e /m/. Ao optar pela redondilha maior, Schneider criou uma correspondência funcional, pois tal verso é marca comum do folclore brasileiro, presente, por exemplo, na literatura de cordel e em poemas infantis e populares.² No entanto, essa correspondência funcional não obtém tanto sucesso, pois ele não mantém a regularidade rígida do original, fundamental para o significado.

² Pode-se argumentar que o poema original trabalha com versos de sete sílabas e que a tradução por versos do mesmo tamanho pode ser uma mera e feliz coincidência. No entanto, em nossa análise, partiremos do pressuposto de que a manutenção dos versos de sete sílabas na tradução é uma opção consciente do tradutor (pois alguns não optam por mantê-los), e a consideraremos um caso de correspondência funcional.

Numa análise semântica³, vemos poucas perdas, vários acréscimos e algumas estratégias de alteração lexical. No verso 3, o verbo “bid” (“oferecer”) foi traduzido como uma repetição do verbo “dar”, já presente no verso, por ser monossilábico. No verso 4, o acréscimo da palavra “vasto” retoma a idéia da palavra “o’er” omitida na tradução. No verso 6, vemos a omissão da repetição de “clothing”, o acréscimo de “fina” (idéia talvez já subentendida em “softest”) e a modificação do adjetivo “wooly” para o substantivo “lã”. No verso 8, há o acréscimo de “sós” pelo simples motivo prático de criar uma rima com “voz”. Nos versos 11 e 12, “thee”, que seria traduzida como objeto indireto, é modificada para “o”, havendo uma mudança semântica do destinatário para o assunto. No verso 13, há o acréscimo da palavra “inteiro”, também com o objetivo prático de rimar com “cordeiro” no verso seguinte. No verso 15, o sujeito concreto passa a abstrato e a palavra “meek” é desmembrada em dois de seus significados, “humildade” e “meiga”. Nos versos 19 e 20, acontece talvez a maior alteração do poema: em vez de manter a repetição, que é uma forte marca do original, Schneider desmembra o verso repetido em dois, criando acréscimos bastante distantes do original. Ao optar por palavras grandes como “cordeirinho” e “abençoe”, o tradutor não conseguiu manter a idéia em apenas um verso de sete sílabas. Talvez a escolha de palavras menores, mesmo que com uma correspondência mais fraca, fosse uma opção melhor, pois não criaria tantos acréscimos nem uma alteração tão grande nos versos.

The Lamb

O cordeiro

Little Lamb, who made thee	Cordeirinho, quem te fez?
Dost thou know who made thee	Sabes quem é que te fez?
Gave thee life, and <u>bid</u> thee feed,	Deu-te vida, <u>deu</u> -te pasto,
By the stream and o’er the mead;	Um riacho no campo <i>vasto</i> ;
Gave thee clothing of delight,	Deu-te roupa que delicia,
Softest clothing , <u>wooly</u> , bright;	<u>Lã</u> clara, <i>fina</i> e macia;
Gave thee such a tender voice,	Deu-te também terna voz
Making all the vales rejoice;	Para alegrar os vales <i>sós</i> ?
Little Lamb, who made thee	Cordeirinho, quem te fez?
Dost thou know who made thee	Sabes quem é que te fez?

³ As tabelas de análise semântica seguem todas a seguinte legenda: “**negrito**: omissão”, “*italico*: acréscimo” e “sublinhado: alteração”.

Little Lamb, I'll tell <u>thee</u> ,	Cordeirinho, eu <u>o</u> direi,
Little Lamb, I'll tell <u>thee</u> ;	Cordeirinho, eu <u>o</u> direi:
He is callèd by thy name,	Teu nome tomou <i>inteiro</i> ,
For He calls Himself a Lamb:	Também se chama Cordeiro;
<u>He is meek</u> , and He is mild,	<u>Humildade meiga</u> e mansa,
He became a little child:	Que se tornou uma criança.
I a child, and thou a lamb,	Eu, menino, tu, cordeiro,
We are callèd by his name.	Temos Dele o nome <i>inteiro</i> .
Little Lamb, God bless thee,	Cordeirinho, que Deus <i>rei</i>
Little Lamb, God bless thee.	Te abençoe, <i>como o farei!</i>

3. A tradução de Renato Suttana

Em seguida, faremos uma análise da tradução de Renato Suttana, poeta, escritor e professor de literatura brasileira e teoria literária.

O CORDEIRO

Cordeiro, quem te fez?	A	- / - \ - /	/k/, /d/, /s/	6
Sabes tu quem te fez?	A	/ - / - - /	/t/, /u/, /k/, /s/	6
Deu-te vida e alimentou-te	b	/ - / - - - /	/d/, /m/, /t/	7
sobre o prado e junto à fonte;	b'	/ - / - / - /	/d/, /u/, /t/, /s/	7
cobriu-te com veste pura,	c	- / - - / - /	/k/, /u/, /s/	7
veste branca que fulgura;	c	/ - / - - - /	/k/, /u/, /s/	7
deu-te a voz meiga e tão fina	d	/ - / \ - \ /	/d/, /m/, /t/, /s/	7
para alegrar a campina!	d	- - - / - - /	/k/	7
Cordeiro, quem te fez?	A	- / - \ - /	/k/, /d/, /s/	6
Sabes tu quem te fez?	A	/ - / - - /	/t/, /u/, /k/, /s/	6
Cordeiro, eu te direi,	E	- / - - - /	/k/, /d/	6
Cordeiro, eu te direi!	E	- / - - - /	/k/, /d/	6
Por teu nome ele é chamado,	f	- - / - \ - /	/t/, /m/, /d/	7
pois assim se tem nomeado:	f	- - / - \ - /	/t/, /m/, /d/, /s/	7

Ele é meigo e pequenino,	g	-- / - - - /	/m/, /k/	7
e um dia se fez menino:	g	- / - - \ - /	/d/, /s/, /m/	7
Cordeiro tu, menino eu —	h	- / - / - / - /	/k/, /d/, /t/, /u/, /m/	8
nos une um nome que é Seu.	h	- / - / - - /	/s/, /u/, /m/, /k/	7
Cordeiro, Deus te guarde.	I	- / - / - /	/k/, /d/, /s/	6
Cordeiro, Deus te guarde.	I	- / - / - /	/k/, /d/, /s/	6

Suttana opta, em sua tradução, por alternar versos de seis, sete e oito sílabas, mantendo mais curtos (seis sílabas) os dois primeiros e os dois últimos versos das estrofes, como nos trímetros do original de Blake. Neste caso, ele opta, ao que parece, por manter uma correspondência formal com o original. Nos versos mais longos — os que corresponderiam aos tetrâmetros de Blake — Suttana opta pela redondilha maior; há apenas uma exceção: um verso de oito sílabas. Tal verso pode também ser lido como um verso de sete sílabas, ligando-se as vogais das últimas sílabas. No entanto, optamos, por questões de ênfase e de sonoridade, e em detrimento da rigidez formal, por dividi-lo como um verso de oito sílabas. Mesmo assim, se mantém uma quase perfeita correspondência formal, que neste caso pode ser vista também como correspondência funcional, se analisada pelo ponto de vista da conotação do verso popular (redondilha maior) e da rigidez formal do original. Os ritmos jambo e anapesto se alternam. Suttana mantém um rígido sistema de rimas AAbbccddAA EEffgghhee, mas também sem reproduzir a simetria na segunda estrofe.

Numa análise semântica, vemos que Suttana opta por traduzir, em todo o poema, o sintagma “little lamb” por apenas “cordeiro”, perdendo o diminutivo e, assim, em alguma medida, a idéia de pureza e inocência. No verso 4, “stream” é deslocado e modificado para “fonte” com o intuito de rimar com “alimentou-te” do verso anterior, sendo esta a única rima toante do poema.. Algo semelhante acontece no verso seguinte, em que o sintagma “of delight” é modificado para o adjetivo “pura” para que este rime com o próximo verso. No verso 6, as idéias de “softest” e “wooly” foram perdidas; houve o acréscimo de “branca” e a alteração do adjetivo “bright” para a oração “que fulgura”, mantendo-se a idéia de brilho. No verso seguinte, há o acréscimo de “fina”, com o intuito de rimar com a alteração de “vales” para “campina” no verso seguinte. Algo semelhante se dá no verso 15, onde “mild” foi modificado para “pequenino” a fim de rimar com a alteração de “child” para “menino”, no verso seguinte. A inversão do verso 17 também tem o intuito de manter a rima com a palavra “seu” no verso 18. No

entanto, o referente desta palavra perde a força, pois no verso 14 Suttana opta por omitir a palavra “cordeiro” para manter a rima. Há aí uma grande perda funcional, pois é o momento em que o poeta explicita a natureza divina do cordeiro. Nos últimos dois versos, Suttana, por questões métricas, substitui a palavra “bless” pela palavra “garde”, comum na expressão cotidiana, embora com significado um pouco diferente.

The Lamb

Little Lamb, who made thee
Dost thou know who made thee
Gave thee life, and bid thee feed,
By the stream and o’er the mead;
Gave thee clothing of delight,
Softest clothing, **wooly**, bright;
Gave thee such a tender voice,
Making **all** the vales rejoice;

Little Lamb, who made thee
Dost thou know who made thee

Little Lamb, I’ll tell thee,
Little Lamb, I’ll tell thee;
He is callèd by thy name,
For He calls Himself a **Lamb**:
He is meek, and He is **mild**,
He became a **little** child:
I a child, and thou a lamb,
We are **callèd** by his name.

Little Lamb, God bless thee,
Little Lamb, God bless thee.

O CORDEIRO

Cordeiro, quem te fez?
Sabes tu quem te fez?
Deu-te vida e alimentou-te
sobre o prado e junto à fonte;
cobriu-te com veste pura,
veste *branca* que fulgura;
deu-te a voz meiga e tão *fina*
para alegrar a campina!

Cordeiro, quem te fez?
Sabes tu quem te fez?

Cordeiro, eu te direi,
Cordeiro, eu te direi!
Por teu nome ele é chamado,
pois assim se tem nomeado:
Ele é meigo e *pequenino*,
e *um dia* se fez menino:
Cordeiro tu, menino eu -
nos *une* um nome que é Seu.

Cordeiro, Deus te garde.
Cordeiro, Deus te garde.

4. A tradução de Paulo Vizioli

Vejamos agora a tradução de Paulo Vizioli, talvez uma das mais consagradas de Blake.

O Cordeiro

Cordeirinho, quem te fez?	A	-- / - / - /	/k/, /d/, /s/	7
Tu não sabes quem te fez?	A	-- / - \ - /	/t/, /s/, /k/	7
Deu-te vida e esse relvado	b	/ - / - - - /	/d/, /s/	7
Junto aos arroios do prado?	b	\ - - / - - /	/t/, /s/, /d/	7
Deu-te a lâ clara e macia	c	/ - / \ - - /	/d/, /k/, /m/, /s/	7
Do manto que delicia?	c	- / - - \ - /	/d/, /m/, /t/, /k/, /s/	7
E a terna voz com que bales,	d	- / - / - - /	/t/, /s/, /k/	7
A alegrar todos os vales?	d	-- / \ - - /	/t/, /d/, /s/	7
Cordeirinho, quem te fez?	A	-- / - / - /	/k/, /d/, /s/	7
Tu não sabes quem te fez?	A	-- / - \ - /	/t/, /s/, /k/	7
Cordeirinho, vou dizer-te.	E	-- / - \ - /	/k/, /d/	7
Cordeirinho, vou dizer-te.	E	-- / - \ - /	/k/, /d/	7
Teu próprio nome o proclama,	f	- / - / - - /	/t/, /m/, /k/	7
Pois Cordeiro ele se chama.	f	-- / - - - /	/k/, /d/, /s/, /m/	7
É figura meiga e mansa,	g	-- / - \ - /	/m/, /s/	7
Que também se fez criança.	g	-- / - / - /	/k/, /t/, /s/	7
Tu, cordeirinho, e eu, menino,	h	/ - - / - - /	/t/, /k/, /d/, /m/	7
Temos seu nome divino.	h	/ - - / - - /	/t/, /m/, /s/, /d/	7
Cordeiro, Deus te abençoe.	I	- / - / - - /	/k/, /d/, /s/	7
Cordeiro, Deus te abençoe.	I	- / - / - - /	/k/, /d/, /s/	7

Vizioli utiliza a redondilha maior em toda a tradução. Ele parece, assim, optar por uma correspondência funcional da conotação do verso popular em português. O ritmo predominante é o anapesto, porém há ocorrências do jambo e do dátilo. Vizioli também cria um esquema rígido de rimas AAbbccddAA EEffgghhII, embora modifique um pouco o esquema original.

Ao analisarmos as alterações semânticas, vemos que Vizioli modificou o original “feed” para “relvado” para manter a rima perfeita com “prado” (e evitar uma possível toante com “pasto”), dando preferência a uma correspondência formal. O tradutor inverte a ordem dos versos 5 e 6, mas mantém todas as idéias presentes nos versos originais, fazendo a modificação do adjetivo “wooly” para o substantivo “lã”. No verso

7, Vizioli omite o verbo “give” e acrescenta a oração adjetiva “com que bales”, mantendo a idéia da voz do cordeiro, e criando uma rima com “vales”, do verso seguinte. No verso 13, ele acrescenta “próprio” por questões de métrica e modifica “is callèd” por “proclama”, que faz uma referência à linguagem bíblica e cria uma rima com o verso seguinte. Nos versos 15 e 16, o sujeito “he” é alterado para o predicativo “figura”, e “também” é acrescentado por questões de métrica. A ordem do verso 17 é invertida para que “menino” rime com o acréscimo “divino”, do verso 18. Nos últimos dois versos, Vizioli opta por omitir o diminutivo (já utilizado ao longo de todo o poema) para manter a tradução literal de “bless” por “abençoe”.

The Lamb

O Cordeiro

Little Lamb, who made thee	Cordeirinho, quem te fez?
Dost thou know who made thee	Tu <i>não</i> sabes quem te fez?
Gave thee life, and bid thee <u>feed</u> ,	Deu-te vida e <i>esse</i> <u>relvado</u>
By the stream and o’er the mead;	Junto aos arroios do prado?
<u>Gave thee clothing of delight</u> ,	<u>Deu-te a lã clara e macia</u>
<u>Softest clothing, wooly, bright</u> ;	<u>Do manto que delicia?</u>
Gave thee such a tender voice,	E a terna voz <i>com que bales</i> ,
Making all the vales rejoice;	A alegrar todos os vales?
Little Lamb, who made thee	Cordeirinho, quem te fez?
Dost thou know who made thee	Tu <i>não</i> sabes quem te fez?
Little Lamb, I’ll tell thee,	Cordeirinho, vou dizer-te.
Little Lamb, I’ll tell thee;	Cordeirinho, vou dizer-te.
He <u>is callèd</u> by thy name,	Teu <i>próprio</i> nome <u>o proclama</u> ,
For He calls Himself a Lamb:	Pois Cordeiro ele se chama.
He is meek, and He is mild,	É <i>figura</i> meiga e mansa,
He became a little child:	Que <i>também</i> se fez criança.
<u>I a child, and thou a lamb</u> ,	<u>Tu, cordeirinho, e eu, menino</u> ,
We are callèd by his name.	Temos seu nome <i>divino</i> .
Little Lamb, God bless thee,	Cordeiro, Deus te abençoe.
Little Lamb, God bless thee.	Cordeiro, Deus te abençoe.

5. A tradução de Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves

A última tradução que analisaremos será a de Mário Alves Coutinho, ensaísta, psicólogo, roteirista de cinema, em conjunto com Leonardo Gonçalves, poeta e tradutor.

Cordeiro

Cordeirinho, quem te fez?	A	-- / - / - /	/k/, /d/, /s/	7
Pois tu sabes quem te fez?	A	-- / - \ - /	/s/, /t/, /k/	7
Deu-te a vida e deu-te pasto,	b	/ - / - - - /	/d/, /s/, /t/	7
Ribeirinho e largo prado;	b'	-- / - / - /	/d/	7
Deu-te roupa de delícia,	c	/ - / - - - /	/d/, /s/	7
Lã macia sem malícia;	c	\ - / - - - /	/m/, /s/	7
& deu-te esta voz tão terna,	d	- / - - / - /	/d/, /s/, /t/	7
Alegando toda a terra:	d'	-- / - / - /	/d/, /t/	7
Cordeirinho, quem te fez?	A	-- / - / - /	/k/, /d/, /s/	7
Pois tu sabes quem te fez?	A	-- / - \ - /	/s/, /t/, /k/	7
Cordeirinho, vou dizer-te,	E	-- / - \ - /	/k/, /d/	7
Cordeirinho, vou dizer-te;	E	-- / - \ - /	/k/, /d/	7
É chamado por teu nome,	F	-- / - / - /	/m/, /d/, /t/	7
Pra si mesmo dá teu nome:	F	-- / - - - /	/s/, /m/, /d/, /t/	7
Ele é meigo & moderado,	g	-- / - - - /	/m/, /d/	7
De menino ele é chamado:	g	-- / - - - /	/d/, /m/	7
Eu menino & tu cordeiro,	h	/ - / - / - /	/m/, /t/, /d/	7
Temos hoje o nome dele.	h'	\ - / - / - /	/t/, /m/, /s/, /d/	7
Cordeirinho, Deus te crie.	I	-- / - / - /	/k/, /d/, /s/	7
Cordeirinho, Deus te crie.	I	-- / - / - /	/k/, /d/, /s/	7

Na tradução de Coutinho & Gonçalves, todos os versos traduzidos têm sete sílabas, sendo o poema, portanto, inteiramente traduzido em redondilha maior. O ritmo também é bastante regular, com forte predominância do anapesto. Isso apontaria para uma opção pela correspondência funcional, levando-se em conta tanto a conotação do verso popular quanto a conotação da rigidez formal do original. Já o esquema de rimas

não é tão rígido quanto o do original o os das outras traduções, apresentando três rimas toantes: AAbb'ccdd'AA EEFFgghh'II.

No que tange ao aspecto semântico, vemos que no verso 4 o acréscimo de “vasto” tenta manter a idéia de “o'er”. No verso 6, o adjetivo “wooly” foi alteado para o substantivo “lã”, o adjetivo “bright” se perdeu e foi substituído pelo acréscimo do sintagma “sem malícia”⁴, para criar uma rima com “delícia” do verso anterior. Mais adiante, no verso 8, “vales” foi modificado para o substantivo mais genérico “terra”. No verso 14, ocorre novamente o que ocorreu na tradução de Suttana: a omissão da palavra “cordeiro”, substituída pela repetição do sintagma “teu nome”, resultando numa perda funcional bastante considerável. Dois versos adiante, no verso 16, o verbo “became” é modificado para “é chamado”, fazendo com que se perca a referência bíblica explícita da transformação de Deus (o Cordeiro) em menino. No verso 18, o acréscimo da palavra “hoje” se dá por questões puramente métricas, assim como a alteração do verbo “bless” para o correspondente mais regional, porém mais curto, “crie” nos dois últimos versos.

The Lamb

Cordeiro

Little Lamb, who made thee	Cordeirinho, quem te fez?
Dost thou know who made thee	<i>Pois</i> tu sabes quem te fez?
Gave thee life, and bid thee feed,	Deu-te a vida e deu-te pasto,
By the stream and o'er the mead;	Ribeirinho e <i>largo</i> prado;
Gave thee clothing of delight,	Deu-te roupa de delícia,
Softest clothing, wooly, bright ;	Lã macia <i>sem malícia</i> ;
Gave thee such a tender voice,	& deu-te esta voz tão terna,
Making all the <u>vales</u> rejoice;	Alegrando toda a <u>terra</u> :
Little Lamb, who made thee	Cordeirinho, quem te fez?
Dost thou know who made thee	<i>Pois</i> tu sabes quem te fez?
Little Lamb, I'll tell thee,	Cordeirinho, vou dizer-te,
Little Lamb, I'll tell thee;	Cordeirinho, vou dizer-te;

⁴ Acréscimos e modificações radicais por questões puramente formais, como a rima, são estratégias válidas e razoavelmente comuns na tradução de poesia. No entanto, é preferível que tais modificações tenham uma ligação ainda que tênue, ou mesmo apenas coerente, com o sentido do que se modificou. “Lã sem malícia”, sob esse aspecto, é uma alteração questionável.

He is callèd by thy name,	É chamado por teu nome,
For He calls Himself a Lamb :	Pra si mesmo dá <u>teu nome</u> :
He is meek, and He is mild,	Ele é meigo & moderado,
He became a little child:	De menino ele <i>é chamado</i> :
I a child, and thou a lamb,	Eu menino & tu cordeiro,
We are callèd by his name.	Temos <i>hoje</i> o nome dele.
Little Lamb, God <u>bles</u> s thee,	Cordeirinho, Deus te <u>crie</u> .
Little Lamb, God <u>bles</u> s thee.	Cordeirinho, Deus te <u>crie</u> .

Numa última observação relativa à forma, ressaltamos que todas as quatro traduções se utilizaram de acréscimos para compensar a sílaba extra criada pelo verbo auxiliar “dost” no segundo verso do original. Schneider optou pelo verbo “é” com função de ênfase; Suttana, por explicitar o sujeito “tu”; Vizioli acrescentou um “não”; e Coutinho & Gonçalves acrescentaram um “pois”. Os acréscimos de Vizioli e Coutinho & Gonçalves funcionam somente como marcadores discursivos.

III. Conclusões

Vemos aqui que é possível se fazer uma análise objetiva de traduções de poesia, e ela é indispensável para uma avaliação mais embasada e mais eficaz. Essa objetividade é necessária para que as críticas e avaliações deixem de se calcar em critérios vagos e, pior que isso, vazios.

Tanto a tradução de poesia quanto sua avaliação podem ser pensadas a partir de uma analogia com a idéia wittgensteiniana de *jogo*. Ambas são jogos com lances objetivos e jogadas bem definidas, os quais podem ser explicitados e analisados diretamente, pois são estratégias reais e inteiramente identificáveis. A tradução de poesia pode ser vista como um jogo com mais restrições ou com regras mais específicas do que, por exemplo, a tradução de romances. Sendo assim, ela é um jogo em que lances mais ousados e estratégias mais livres podem ser utilizados para se chegar aos objetivos finais. Assim como no truco, na tradução de poesia, o blefe, por exemplo, é uma estratégia não só possível, como também esperada, e indispensável em muitos casos. Sendo assim, a avaliação de tradução de poesia deve também ser um jogo em que o avaliador sabe identificar as estratégias utilizadas na tradução para poder analisar o êxito delas de forma mais direta e clara.

Essa objetividade que defendemos não implica uma desconsideração da qualidade poética, estética, da tradução, mas apenas ressalta os processos práticos através dos quais elas foram, ou não, alcançadas. Nosso intuito aqui não foi o de criticar ou comparar as traduções analisadas; apenas o de explicitar que uma análise mais objetiva de tais traduções é possível e necessária. A avaliação de tradução de poesia não pode ser basear em critérios vagos e vazios como “captar a essência do original”, pois, desta forma, ela deixa de ser uma avaliação e passa a ser uma simples expressão não-embasada da opinião do avaliador — sendo a palavra “opinião” entendida aqui em sua definição igualmente vaga de “afirmação que o espírito aceita ou rejeita” (*Houaiss*, versão *online*).

Referências bibliográficas

- BARROSO, Ivo (1995) “*RANGE REDE* entrevista Ivo Barroso”. *Range Rede – Revista de Literatura*, ano I, nº 1. Rio de Janeiro: UFRJ.
- BLAKE, William (1984) *Poesia e prosa selecionadas*. Introdução, seleção, tradução e notas de Paulo Vizioli. 2ª Edição. São Paulo: J. C. Ismael Editor.
- _____ (2005) *Canções da inocência e da experiência. Revelando os dois estados opostos da alma humana*. Trad., prefácio e notas de Mário Alves Coutinho e Leonardo Gonçalves. Belo Horizonte: Crisálida.
- _____ “O cordeiro”. Trad. de Sidnei Schneider.
<http://rascunho.ondarpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=4&lista=1&subsecao=13&ordem=715&semlimite=todos>
- _____. *Canções da inocência e da experiência*. Trad. de Renato Suttana.
<http://www.arquivors.com/wblake1.pdf>
- BRITTO, Paulo H. (2000) “Uma forma humilde”. *Jornal de Resenhas*, no. 60, *Folha de São Paulo*, 11 de março.
- _____ (2002) “Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia”. In Gustavo Bernardo Krause (org). *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ.
- _____ “Correspondência formal e funcional em tradução poética”. Apresentado no Congresso “Sob o signo de Babel — literatura e poéticas da tradução”, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. UFES, Vitória, 9 de dezembro de 2005. Inédito.
- GOLDSTEIN, Norma. (2002) *Versos, sons, ritmos*. 13ª edição, 4ª impressão. São Paulo: Editora Ática.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão online.
- LEFEVERE, André (1975) “Introduction”. *Translating poetry: seven strategies and a blueprint*. Assen: Van Gorcum.